

# Educação permanente, utopia em curso

CLAUDIO DE MOURA CASTRO\*

No ano de 1971, a Unesco reuniu um grupo de sábios que, liderados por Edgard Faure, produziram o livro *Aprender a ser*, de enorme sucesso em todo o mundo. A idéia de educação permanente recebe ali seus contornos e suas cores. A escola não deveria acabar de repente. Os adultos deveriam ter acesso à educação, qualquer que seja sua idade. Isso virou um *slogan* repetido pelo mundo afora.

Após 13 anos focalizando suas conferências em outros assuntos, a Unesco volta à educação de adultos, realizando em Hamburgo um evento com mais de 2 mil participantes. Ali estavam funcionários de ministérios encarregados de educação de adultos de quase todos os países.

Andando pelos corredores, ouvindo os discursos intermináveis e pulando de uma sala de seminário para outra, o clima era mais para vestiário de time perdendo. Vamos ganhar, podemos ganhar, mas soava chocho. Havia também muito choramingo de funcionários de setores que perderam as luzes da ribalta. O ministro cortou a verba, os programas não deram certo. O próprio nível técnico das apresentações não era de entusiasmar.

Que lástima, goraram os sonhos da educação permanente? Mas será que é essa a educação permanente do fim do milênio? Grande equívoco, a educação permanente vai muito bem, obrigado, mas só que alhures, manejada pelos que não estavam na conferência da Unesco. Vejamos:

Com as empresas se *reengenheirando* e querendo gente mais educada, a matrícula no supletivo dispara. Ademais, nosso ensino superior tem como clientela pre-

dominante adultos de quase 30 anos, já empregados e que voltam a estudar para obter um diploma superior.

Quem passar pelo centro de qualquer cidade média do hemisfério verá o espantoso número de letreiros de cursos de computação, secretariado, inglês, laboratorista e outros. Os cursos por correspondência tradicionais continuam matriculando e formando centenas de milhares de jovens e velhos adultos.

A televisão oferece grandes oportunidades, tais como *Globo rural* e outros programas na mesma direção. O *Telecurso 2000* é acompanhado por milhões – incluindo o Vicentinho – e já há centenas de milhares de empregados de fábricas em salas de aula com recepção organizada. O Senati atinge por satélite 300 mil motoristas e funcionários de empresas de transporte.

Os ministérios de Trabalho latino-americanos – incluindo o do Brasil – estão cada vez mais comprometidos com cursos profissionais para jovens adultos, sobretudo os desempregados. E, dentro desses cursos, aumenta progressivamente a presença de habilidades básicas (ao invés de aprender apenas a usar a ferramenta, o aluno pratica leitura, escrita e o uso de métodos quantitativos). O BID e o Banco Mundial apóiam alguns dos melhores programas. Mas nem tudo presta e a palavra de ordem é fazer e, não, falar.

A educação permanente não gorou. Pelo contrário, está presente e agitadíssima. Só que aconteceu em outros lugares. Foram as campanhas de alfabetização de adultos que goraram. Os ministérios de Educação se revelaram maus patrocinadores e alguns, como o brasileiro, tiveram o bom senso de rasgar a fantasia e mudar

o assunto, concentrando seus esforços no ensino básico. Após a experiência mal digerida do Mobral, pelo menos entenderam que alfabetização de adultos não se faz no *vapt-vupt*.

Educação permanente virou assunto da iniciativa privada, para horror dos nostálgicos de um governo intervencionista. A empresa privada é forte na televisão e os milhares de sobrados transformados em cursos de quase tudo são pequenas e médias empresas com fins lucrativos – disfarçados ou não, dando certo ou não. Sua presença ou ausência não é notada pelas autoridades educativas que sequer contam quantos cursos profissionais desse tipo existem. Poderiam ajudar, mas não o fazem. Pelo menos, não atrapalham.

No caso brasileiro, até os fundos e o planejamento estão vindo do setor privado. Além da iniciativa do *Telecurso 2000* pela Fiesp, a Fiemg marca sua presença, estabelecendo planos para acabar com o analfabetismo nas fábricas mineiras até o ano 2000 e tomando as providências para implementar essa meta.

Aos trambolhões, mas com enorme pujança, a educação permanente vai em frente. Nem tudo é bem feito, nem tudo dá certo, nem tudo é sério. Os incumbidos de cuidar dela em departamentos cansados e poeirentos, perdidos em ministérios sem vocação para o assunto, sequer descobriram que a revolução está acontecendo, fora de seu controle e mesmo de seu conhecimento. Soltos, independentes e rebeldes, ficaram os que realmente materializam, com sabores imprevistos, as utopias da educação permanente.

\*Chefe da Divisão de Programas Sociais do BID, mestre em Economia por Yale, PhD pela Vanderbilt University